

## **À respeito de uma outra história: a viagem das imagens fotográficas de Claude Lévi-Strauss (1908-2009) produzidas no Brasil<sup>1</sup>**

Carolina de Castro Barbosa

Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) / Universidade Nova de Lisboa (UNL) / Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE)

Palavras-chaves: Antropologia Visual; arquivos fotográficos; Lévi-Strauss.

Proponho-me nessa comunicação oral apresentar algumas reflexões que venho realizando em minha pesquisa de doutorado sobre as imagens fotográficas de Claude Lévi-Strauss (1908-2009). De forma mais específica, o objetivo é a partir da reconstrução de alguns percursos feitos pelas fotografias produzidas no Brasil conhecer uma outra história dessa experiência etnográfica de Lévi-Strauss e seus desdobramentos. Apresento por ora parte dessa caminhada que ainda se encontra em construção e que ainda não dispõe de uma análise definitiva.

Essas imagens, enquanto objetos sociais, têm uma trajetória própria, no tempo e no espaço, que busco traçá-la considerando que sua incompletude está presente nessa jornada. Considero também, como uma espécie de fio condutor, a própria história de Lévi-Strauss, tentando aproximar o itinerário das imagens com os rumos acadêmico e pessoal desse antropólogo.

Para tal proposta, foi necessária uma pesquisa de arquivo. Parte do arquivo pessoal de Lévi-Strauss está sob a guarda da Biblioteca Nacional da França (BNF), no qual pude acessar documentos pessoais, fotos, notas de expedição, fichas de leituras, entre outros documentos, realizando mais um sobrevoo do que uma exploração em profundidade. O acervo científico se encontra no Museu Du Quai Branly<sup>2</sup>, no qual estão também alguns arquivos fotográficos digitalizados, disponibilizados na biblioteca digital, acessível a todo público. Também mapeei os artigos publicados durante o período no Brasil e os anos imediatamente posteriores para verificar o uso das fotografias bem como fiz essa verificação nos livros. Dois livros, em especial, me ajudaram na reconstrução histórica das imagens: *Tristes Trópicos* (TT<sup>3</sup>) e *Saudades do Brasil* (SB<sup>4</sup>).

---

<sup>1</sup> “Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.”

<sup>2</sup> Optou-se pelo uso dessa sigla MQB para se referir ao *Musée du Quai Branly* ao longo do texto. Não identifiquei nenhuma sigla oficial.

<sup>3</sup> Emprego a sigla TT para todas as vezes que houver referência ao livro *Tristes Trópicos*, em todas as edições, que são serão diferenciadas pelo ano de publicação.

<sup>4</sup> Emprego a sigla SB para todas as vezes que houver referência ao livro *Saudades do Brasil*.

Confrontei-me com fotografias que possuem sua própria história, que viajaram ao longo do tempo e do espaço, que tiveram e têm suas próprias dinâmicas e que se conectam com outros objetos, tais como publicações de livros e artigos, filmes etnográficos, exposições, comunicações orais, entre outros. Da produção no campo - passando pelos usos dados por Lévi-Strauss e por outros atores nessa jornada - às instituições que as acolhem atualmente, uma viagem cheia de outros caminhos, alguns em que é possível sua reconstrução, enquanto outros seguem seu fluxo sem condições de serem mapeados.

Inspirei-me então em abordagens teórico-metodológicas que permitam conceber as fotografias como objetos dotados de uma vida social própria, ou seja, portadoras de biografias. Uma dessas é a de Appadurai cuja teoria propõe que ao invés de condicionarmos as explicações sobre os objetos a partir das relações humanas, tomemos como ponto de partida metodológico, as próprias coisas – “pois seus significados estão inscritos em suas formas, seus usos, suas trajetórias” (2008, p. 17)<sup>5</sup>. A partir disso é possível restituir o significado dos objetos em seus cenários sociais, ao mesmo tempo em que se devolve a temporalidade ao seu sentido cultural.

Kopytoff (1986), nessa mesma perspectiva de Appadurai, aponta que ao estudar as biografias das coisas possamos ter uma mesma postura metodológica quando se pesquisa pelas biografias das pessoas (p.92)<sup>6</sup> e que, dessa forma, pode-se ter acesso a outros ângulos não identificáveis se o estudo se desse por outra ótica.

Dessa forma, estamos aqui a considerar que a fotografia, sejam essas em formato analógico ou digital, como objetos, não apenas devido a materialidade, mas por conta de algumas características que lhes são próprias. Elizabeth Edwards (2006) afirma que fotografias são objetos sociais com uma potência de comunicação, características essas intrínsecas a si mesmas. Propõe pensar a fotografia para além da abstração ou do caráter instrumental de uma imagem. São artefatos táteis, ativos e relacionais que além do seu poder de representação, evocam e mediam relações. Nesse sentido, para a antropóloga as fotografias não estão circunscritas somente a história visual, como também a história oral e a todas as relações que perpassam essas práticas. “São objetos de destaque social e tátil, objetos de envolvimento sensorial que existem no tempo e no espaço e, portanto, na experiência social e cultural. Como tal, operam não só a nível visual, mas tornam-se

---

<sup>5</sup> Para a citação direta, utilizei a edição em português (2008).

<sup>6</sup> Para todas as citações diretas desse autor, utilizei a edição em português.

absorvidos por outras formas de contar a história”. (2006, p. 27, tradução nossa)<sup>7</sup>. Possuem “materialidade ativa” (2021, p.4, tradução nossa).

À vista disso, Hayes & Gilbert (2020) propõe pensarmos a “‘outras vidas’ das imagens”<sup>8</sup>, que são “[...] plurais, distintas, discretas, e acontecem em ‘tempo líquido [...]’”<sup>9</sup> (p.13, tradução nossa). O conceito de “tempo líquido” é em empréstado de Hirsch & Spitzer (apud Hayes & Gilbert, 2020, p.15), no qual consideram que às imagens são concedidos novos significados imprevistos, considerando os vários e inéditos cenários pelos quais essas movimentam-se, num dinamismo que não permite um sentido imutável.

Esse movimento das fotografias é que nos interessa. Como Lévi-Strauss as produziu e depois as usou em sua trajetória pessoal e acadêmica.

Em fevereiro de 1935 Lévi-Strauss chega ao Brasil juntamente com sua esposa Dina. Durante o período brasileiro, fizeram algumas pequenas viagens exploratórias em e nas imediações de São Paulo, que Lévi-Strauss denominou de “turismo universitário” (Loyer, 2018, p.191). Parte das imagens desses momentos encontrei nos arquivos da Biblioteca Nacional da França e no acervo digital do Museu do Quai Branly. Além dessas viagens, Lévi-Strauss organizou duas expedições ao interior do Brasil. São produzidas 3.000 fotografias nesse período brasileiro, das quais consegui mapear aproximadamente 280.

Irei agora apresentar algumas reflexões que ainda estão em análise a partir da reconstrução dessas micro-histórias das fotografias de Lévi-Strauss.

#### 1. O “batismo etnográfico”, a frustração e as fotos não publicadas

Em 1935, Lévi-Strauss acompanha um funcionário do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) ao Paraná, onde tem contato pela primeira vez com um grupo indígena, os Kaingang<sup>10</sup> (1957a, p. 182), na Reserva de São Jerônimo, onde se dá o seu “batismo” (1957b, p.167) etnográfico e frustrante.

---

7 No original: “They are socially salient objects and tactile, sensorially engaged objects that exist in time and space and thus in social and cultural experience. As such, they operate not only at a visual level but become absorbed into other ways of telling history.”

8 No original: “‘other lives’ of the image”.

9 No original: “(...) plural, distinct, discrete, and happening in ‘liquid time’(...)”

<sup>10</sup> Estou empregado, nesse capítulo, a grafia usada por Lévi-Strauss no livro *Tristes Tropiques* (1955) para me referir a todos os grupos indígenas. A autodenominação, segundo o programa “Povos Indígenas no Brasil” que apresenta e organiza informações sobre os indígenas com a colaboração de pesquisadores, indígenas, e outros profissionais, é também Kaingang. Esse programa está vinculado ao Instituto SocioAmbiental (ISA) e disponível no site: [https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina\\_principal](https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal).

Dessa experiência, consegui mapear 40 fotografias no MQB. São imagens que mostram os tipos físicos, as habitações, o contato entre os indígenas e os europeus, os objetos (Figuras 01e 02).



Figura 01: “Garçon”  
Fonte: <https://www.quaibranly.fr/fr>



Figura 02: “Femme peignant de la céramique avec de la craie délayée”  
Fonte: <https://www.quaibranly.fr/fr>

Duas dessas fotos disponíveis no MQB e não publicadas (Figuras 03 e 04), se relacionam de forma bastante direta com uma passagem de TT (1957b) no qual Lévi-Strauss narra sobre o desejo de ver a extração de uma larva, chamada de *koro*, que os indígenas consomem, que nascem em troncos apodrecidos. Entretanto devido a discriminação pelos brancos desse hábito indígena, quando questionado, esse era negado. Mas Lévi-Strauss ávido por conhecê-lo, e dessa forma, satisfazer sua busca pelo exótico, consegue depois de algum custo convencer um índio febril em uma aldeia abandonada, considerando esse uma “prêsa fácil” (p.166).



Figura 03: “Extraction de vers comestibles”  
Fonte: <https://www.quaibranly.fr/fr>



Figura 04: “Extraction de vers comestibles”  
Fonte: <https://www.quaibranly.fr/fr>

Nenhuma fotografia desse encontro com os Kaingang foi publicada em TT e em SB. Interessante como esse primeiro contato com os indígenas não foi exibido imageticamente em suas publicações, não se tornando um momento fotográfico com importância para ele, ou muito pelo contrário, sua visualidade era tão reveladora de um encontro que não ocorreu - com a dos indígenas de seu imaginário - que a escolha pode ter sido de silenciá-la, ou melhor, não expô-la visualmente.

Em sua preparação para vir ao Brasil, Lévi-Strauss buscou obras referentes aos povos indígenas brasileiros (como Hans Staden, Andre Théve) e antropólogos norte-americanos (Franz Boas, Alfred Kroeber, Robert Lowie) (Wilcken, 2011), mas foi Jean de Léry, por meio do livro *Viagem à Terra do Brasil*, que tocou seu espírito quixotesco, isto é, “o desejo obdsedante de encontrar o passado por trás do presente” (Lévi-Strauss e Eribon, 1990, p. 124). Estava então sob um anseio de encontrar os índios de Léry, e por isso, a frustração, como manifestada em TT ao citar sobre esse momento.

Para minha grande decepção, os índios do Tibagi não era, pois, nem completamente “verdadeiros índios”, nem, sobretudo, “selvagens”. Mas, despojando de sua poesia a imagem ingênua que o etnógrafo estreante forma de suas experiências futuras, êles me davam uma lição de prudência e de objetividade. Encontre-os menos intactos do que esperava, ia descobri-los mais secretos do que a sua experiência exterior poderia sugerir. [...] (1957, p. 160-161)

## 2. A primeira expedição, os cadernos perdidos e a fotografia como recurso de memória

A primeira expedição se dá nas férias do verão brasileiro, entre novembro de 1935 e março de 1936. Lévi-Strauss, Dina e René Silz, amigo francês da época de estudantes do Liceu (Loyer, 2018), decidem avançar ao interior brasileiro, com o objetivo de visitar os Caduveo<sup>11</sup>, no limite com Paraguai, e os Bororo<sup>12</sup>, em Mato Grosso (Wilcken, 2011).

Muitas dessas fotos da primeira expedição - tanto àquelas que se referiam a viagem em si quanto à dos indígenas - eu me deparei nos arquivos da BNF. Ao retornar dessa minha pesquisa de campo, eu fui reler TT, e ao avanço de cada página meu pensamento era remetido as fotografias que tive contato na BNF, mas de uma forma muito mais vívida do que as das outras viagens, tanto as anteriores quando as da segunda expedição. Isso me intrigou bastante. Por qual motivo eu estava tendo essa sensação? Eis que ao continuar minha pesquisa me confronto com uma informação interessante: Lévi-Strauss havia perdido seus cadernos de campo da primeira expedição. Então, logo um questionamento se elaborou: será que Lévi-Strauss para escrever TT, 15 anos após sua permanência no Brasil, foi até suas fotografias para alimentar sua memória?

---

<sup>11</sup> A autodenominação é Kadiwéu. Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kadiw%C3%A9u>

<sup>12</sup> A autodenominação é Boe. Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Bororo>

Em uma entrevista a Didier Eribon (1990), Lévi-Strauss menciona sobre as anotações que fazia no campo e ressalta sobre sua incapacidade de reter informações por longo período: “tenho uma memória devastadora, autodestruidora. Suprimo passo a passo os elementos da minha vida pessoal e profissional. E depois não consigo reconstituir os fatos.” (p.7). Ora se a memória é falha, como ela foi evocada para trazer informações tão detalhadas sobre essa primeira expedição em TT? Teria sido apenas por meio de anotações de Dinah que manteve num diário de campo e se encontra entre os objetos da coleção de Lévi-Strauss? Ou teriam as imagens um papel importante nessa reconstrução do passado?

### 3. As personagens das imagens e a aura de explorador solitário

Há uma recorrente declaração de que Lévi-Strauss invisibilizou os integrantes das expedições construindo uma “imagem de auto-explorador solitário” (Martins, 2022) e que “[...] a aura de *Tristes Tropiques* foi construída sobre o silêncio dos outros membros da expedição”<sup>13</sup> (Rivron, 2003, p. 307, tradução nossa), constatações essas possíveis graças também a publicação do livro “Um Outro Olhar” (2001) do antropólogo brasileiro, Luiz de Castro Faria, que participou da segunda expedição como fiscal do Museu Nacional, instituição responsável pela fiscalização das expedições estrangeiras e nacionais.

Em SB, Lévi-Strauss refere-se aos integrantes das expedições como “minha primeira esposa” (p. 71), “um amigo francês” (p.71), em TT como “companheiros”, demonstrando de fato uma ocultação desses importantes personagens; eles existem, mas não são nomeados. Por outro lado, nas viagens do chamado “turismo universitário”, Lévi-Strauss cita nominalmente seus companheiros: os colegas franceses, Courtin e Maugüe, o geógrafo Mortonne e as mulheres são lembradas como “as esposas”. E imagneticamente, como isso de seu?

Não há mesmo muitas imagens publicadas da equipe de campo ou de qualquer integrante em seu ofício: tem-se uma fotografia em TT que foi repetida em SB de dois integrantes à cavalo atravessando o Pantanal, ambos de costas e uma outra em TT, de dois integrantes na segunda expedição, indo ao encontro dos indígenas, um dentro de uma piroga e outro se dirigindo a ela. Em ambos os casos, nas legendas, não há nenhuma

---

<sup>13</sup> No original: “[...] l’aura de *Tristes Tropiques* s’est construite sur le silence circonstanciel des autres membres de l’expédition”.

menção ao fato de haver componentes das expedições nas fotografias, que se supõe pela mimética.

Já entre as imagens não publicadas, encontramos poucos exemplares. E nessas poucas pode se observar, que os companheiros de viagem não estão em destaque ou em primeiro plano, aparentando que Lévi-Strauss estava focado em fotografar o universo indígena e naquele instante algum integrante estava no cenário por acaso, e assim, constava na imagem. Na Figura 05 é Dina quem provavelmente aparece nas fotografias e na Figura 06, Silz. Dina surge de supetão nas fotografias enquanto aparentemente Silz está posando juntamente com os indígenas.



Figura 05: “Intérieur d’une habitations Caduveo”  
Fonte: <https://www.quaibrantly.fr/fr>



Figura 06: “Un groupe devant une maison”  
Fonte: <https://www.quaibrantly.fr/fr>

De todas as fotografias que fazem parte do meu corpo de pesquisa, há somente duas no MQB, referentes aos Kaingang, na qual, em suas legendas evoca esse contato entre os europeus e os indígenas, nesse episódio que foi seu “batismo” etnográfico.

Lévi-Strauss disse numa entrevista ao responder sobre sua experiência de campo, que ele “estava num estado de excitação intelectual intensa.” (Lévi-Strauss e Eribon, 1990, p.92) e que se sentia “revivendo as aventuras dos primeiros viajantes do século XVI [...] tudo parecia-me fabuloso: as paisagens, os animais, as plantas ...”. (ibidem). Diante desse estado de espírito, é de se esperar que o olhar de Lévi-Strauss tenha se direcionado ao exótico, as descobertas, ao novo, não aos companheiros europeus, que eram o mais conhecido e familiar dentro daquele cenário de novidades. Sua produção imagética estava também comprometida com esses seus desejos, tanto que os integrantes, ao longo das viagens – do “turismo etnográfico” às expedições – vão se tornando mesmos invisíveis, enquanto suas lentes se voltam cada vez mais para os indígenas. Será que mais do que construir uma auto-imagem de antropólogo solitário, o interesse visual dele não estava mesmo voltado para os indígenas?

4. Os filmes etnográficos, as pinturas faciais e a agência das mulheres Caduveo na produção das fotografias

Durante 15 dias, Lévi-Strauss, juntamente com Dina e Silz, viveu entre os Caduveo, na principal aldeia, Nalike. Dessa viagem, várias fotografias foram produzidas assim com dois filmes de 8 mm, além de quase quatrocentos desenhos em papel. As fotos são acerca dos tipos físicos, das habitações, das pinturas faciais femininas e bens da cultura material. Os filmes giram em torno da preparação para a confecção de cordas, confecção de redes com cordas, jogo de fios, técnica dos desenhos, pinturas faciais, aldeia, casas coletivas, animais, festa da puberdade, tecelagem e trançado.

Em TT, foram publicadas duas fotos de mulheres com os rostos pintados, uma de uma adolescente preparada para sua festa de puberdade e uma da aldeia. Junto as fotos, Lévi-Strauss publicou três desenhos dos grafismos e o um desenho de Boggiani. Em SB, Lévi-Strauss publicou nove fotos: uma da aldeia, a mesma publicada em TT; seis fotos de mulheres com os rostos pintados, sendo que duas são as mesmas de TT; uma de criança com o rosto pintado; e a mesma foto da menina vestida para sua festa de puberdade.

Chama a atenção que perante a possibilidade de escolher fotos totalmente inéditas para o livro SB, Lévi-Strauss tenha preferido repetir as já publicadas em TT.



Figura 07: “Village de Nalike”  
Fonte: <https://www.quaibrantly.fr/fr>



Figura 08: “Femme au visage peint”  
Fonte: <https://www.quaibrantly.fr/fr>



Figura 09: “Femme Cad’uwéo au visage peint”  
Fonte: <https://www.quaibrantly.fr/fr>



Figura 10: “Jeune fille caduveo en tenue de fête”  
Fonte: <https://www.quaibrantly.fr/fr>

Lévi-Strauss, em TT, rememora sobre as fotografias que fez com as mulheres Caduveo e o fato delas se oferecerem para posar para suas lentes em troca de pagamento, como ele lidava com isso e a forma como esse comportamento se relacionava com as características das mulheres que eram tidas como hierarquicamente superiores.

Os Caduveo [...] não somente exigiam pagamento para se deixarem fotografar, mas ainda me obrigavam a fotografá-los, para serem pagos: quase não havia um dia em que uma mulher não se me apresentasse num arranjo extraordinário e não exigisse de mim, sem que eu pudesse recusar, a homenagem duma chapa, alguns mil-réis. Poupando minhas bobinas, eu me limitava frequentemente a um simulacro e pagava. (p. 184)

É na primeira versão de TT que na capa aparece um desenho de uma mulher Caduveo com o rosto pintado. Na primeira versão brasileira, publicada no mesmo ano, outro desenho com a mesma temática estampa a capa. Dois anos após, em 1957, a editora Plon, que detém os direitos autorais de TT, o publica com uma capa de um índio Nambikwara. E ao longo de várias outras publicações, essa capa varia, em geral, exibindo a foto de algum indígena. Mas foram os desenhos Caduveo que ficaram eternizados na primeira publicação, que foi um best-seller.

O fascínio de Lévi-Strauss pelos desenhos geométricos dos Caduveo explica muito dessa trajetória das imagens ou dos desenhos que remetem a esse assunto em suas publicações. Em carta a sua mãe, datada de 20 de julho de 1941, quando Lévi-Strauss morava em Nova York, pede a ela que envie os desenhos Caduveo, que haviam ficado em sua casa em Paris, pois havia deixado os mais bonitos e queria publicá-los por lá (2015). Ou seja, em 1941 intencionava publicar esses desenhos e assim os faz em 1942, na revista *VVV*, uma revista surrealista que tinha à sua frente André Breton, sob o título *Indian Cosmetics*. É a primeira vez que essas fotografias são publicadas.

Depois de mais de 10 anos, em 1957, no livro *Anthropologie Structurale* (AE)<sup>14</sup>, as fotos das mulheres Caduveo com seus rostos pintados retornam (Figura 11), mas em um número reduzido e editadas, sendo que ambas foram posteriormente publicadas em SB (Figuras 12 e 13). Em AE as fotografias são mais de *close up* enquanto em SB expõe-se mais o contexto da cena retratada. Por exemplo, nas Figuras 12 e 13 se vê o cenário e

---

<sup>14</sup> Para todas as menções referentes ao livro *Anthropologie Structurale* empregou-se a sigla AE.

outros atores na fotografia, como a presença de uma criança e de uma pessoa agachada atrás da mulher, o que não ocorre com as fotografias da Figura 11. Dessa forma, essas imagens reaparecem em distintos momentos e são usadas também de forma diferentes por Lévi-Strauss.



Figura 11: “Femmes Caduveo au Visage Peint, 1935.”

Fonte: Antropologia Estrutural (1958)



Figura 12: “Tradicionalmente, as pinturas são reservadas às mulheres, que se prestam mutuamente esse serviço.” (SB,1994, p. 76)

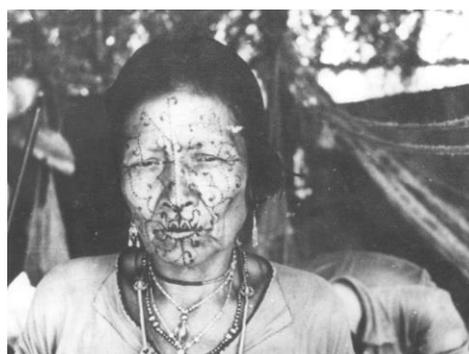


Figura 13: “Velhas mulheres, extraordinárias virtuosas, ornadas de jóias feitas de peças de prata marteladas...” (SB, 1994,p. 74)

As imagens com outras temáticas da cultura Caduveo não circularam tanto quanto às das pinturas faciais, ficando relegadas aos arquivos.

##### 5. O interlecutor e os indígenas nem tão intactos

Após os Caduveo, a expedição prossegue, juntamente com Dina e Silz, para os Bororo. Lévi-Strauss tinha finalmente chegado aos índios que procurava, “[...] numa aldeia indígena cuja civilização permaneceu relativamente intacta [...]” (1957b, p. 225), após suas decepções com os Kaingang e Caduveo, posto que esses não se distinguiam tanto dos outros habitantes das regiões onde moravam, segundo ele. Em algumas imagens feitas por Lévi-Strauss e não publicadas mostram que o “relativamente intacta” era

visualmente perceptível, já que havia influências dos não-indígenas no vestuário, por exemplo.

Na aldeia Quejara, onde estavam instalados, havia um indígena que contava que teria conhecido o Papa, em Roma, e que sabia ler e escrever o português. Tornou-se o principal interlocutor de Lévi-Strauss e também foi fotografado por ele. Nos arquivos do MQB encontram-se duas imagens do seu interlocutor (Figuras 14 e 15) do qual só conseguimos saber que são dessa pessoa devido a legenda presente na versão brasileira de TT, na qual a Figura 14 é reproduzida também: “O melhor informante do autor, em traje de cerimônia” (1957b, p. 445). Essa mesma imagem retorna em SB com uma breve explicação, dando créditos ao seu colaborador do passado:

“Criado nas missões (tendo até, dizia ele, sido levado a Roma e apresentado ao papa), este homem com cabelos pintados de vermelho de urucu falava um pouco de português. De volta à vida tradicional de sua aldeia, fiel aos antigos costumes, ele foi um precioso informante.” (p. 97).



Figura 14: Bororo em tenue composite  
Fonte: <https://www.quaibrantly.fr/fr>



Figura 15: Bororo em tenue composite  
Fonte: <https://www.quaibrantly.fr/fr>

O interlocutor chama-se Roberto Ipureu, que foi identificado por Baldus em uma de suas publicações assim como fotografado por ele (Figura 16) (Martins, 2013, p. 300). E mais uma vez, a partir dessa imagem, podemos constatar que a narrativa de Lévi-Strauss em TT não contemplou de forma explícita esse contato interétnico, pois a foto de Baldus revela sobre seu interlocutor “[...] uma atitude menos imponente e ‘ética’ do que na fotografia de 1936 de Lévi-Strauss [...], desta vez ele é retratado mais como um mediador

entre duas culturas do que como o autêntico primitivo [...] <sup>15</sup>. (ibidem, p. 300, tradução nossa)



Figura 16: Hebert Baldus, “Eastern Bororo: my interpreter in Tori-paru, Roberto Ipureu, and a boy from the same village.” (Source: *Ensaio de Etnologia Brasileira* (1937), Plate 24 apud Martins, 2013, p. 300)

Em 1936, escreve um artigo para a Revista Municipal de São Paulo, intitulado *Estudo da Organização Social dos Bororos* no qual traz uma explicação sobre a forma como os Bororo se organizam em dois grandes clãs e as regras que são associadas a essa configuração social. Nessa publicação, além de conter desenhos de objetos, como flecha, arco, estojo peniano, entre outros, há em seu final, dezesseis fotografias, das quais tem-se a do interlocutor, cuja legenda não o identifica (“Os três objetos usados por este indígena são característicos do clan: O adorno nasal, o adorno labial, o diadema cuja marca se parece no meio das penas (Ciba Cera)” (p. 56)).

No mesmo ano há uma versão em francês desse artigo, que contém as mesmas imagens, com exceção de duas, e a do informante se mantém. E de mesmo modo, a legenda continua sem identificá-lo.

A foto do informante aparece pela primeira vez no artigo publicado também em 1936 chamado “Os mais vastos horizontes do mundo” (Martins, 2013), que foi parcialmente transcrito em TT (Passetti, 2008). Posteriormente é essa imagem que orna a capa do catálogo da exposição “Indiens Du Matto-Grosso” (Figura 51) do casal Lévi-Strauss realizada em Paris em 1937 para o Musée de L’Homme, mas que devido a não abertura a tempo, a exposição foi transferida para a Galeria Wildenstein.

Com relação a foto do informante, percebe-se então que essa tem uma presença forte em sua produção visual, tendo sido escolhida para estar em 4 publicações: *Os mais*

---

<sup>15</sup> No original: “Assuming a less imposing, ‘ethnic’ attitude than in Lévi-Strauss’s 1936 photograph [...], this time he is portrayed more as a mediator between the two cultures than as the authentic primitive [...].”

*vastos horizontes do mundo; Contribuição para o estudo da organização social dos índios Bororo* e sua versão em francês; TT; SB; além de ser a capa da primeira exposição etnográfica (Passetti, 2008). Uma presença considerável.

#### 6. Nova dinâmica no uso das fotografias, a espontaneidade e as capas dos livros

De maio de 1938 a janeiro de 1939, Lévi-Strauss juntamente com Dina, Jean Albert Vellard, que era naturalista e médico e Luiz de Castro Faria, etnógrafo brasileiro, realizam a “Expedição Etnográfica à Serra do Norte (Grupioni, 1998; Loyer, 2018; Wilcken, 2011; Lévi-Strauss, 1955b).

Chegando em Utiariti (Mato Grosso), mais de um mês após o início da expedição, encontram o primeiro grupo indígena, os Nambikwara. Desse período com os Nambikwara<sup>16</sup>, consegui mapear 19 fotografias no site do MBQ, número bem inferior se comparado as fotos disponíveis sobre os grupos indígenas da primeira expedição, Caduveo e Bororo, aproximadamente 80 de cada.

Na BNF vi algumas dessas fotografias do Nambikwara, sendo que em uma das caixas há 17 juntamente com 1 foto da floresta do Paraná, 2 fotos dos Bororo (1 de um indígena vestido com a roupa do ritual e a outra da dança fúnebre) e 3 fotos dos Caduveo (1 de habitação e as outras 2 das pinturas faciais). Seria esse conjunto uma curadoria para a publicação das fotos em algum dos seus livros? Acredito que seja uma possibilidade. Nos arquivos da BNF, há ainda os cadernos de campo dessa segunda expedição.

As fotografias dos Nambikwara são publicadas em número de 28 em TT sendo que dessas apenas 3 estão no site do MQB. Em SB, foram publicadas 51 fotos, em que 4 imagens se encontram também no MQB. Realizando-se um comparativo com o percurso das imagens dos Caduveo e Bororo, constatamos uma nova gestão da circulação das fotografias dos Nambikwara. Grande parte das fotos que foram publicadas da primeira expedição, encontram-se no acervo digital do MQB, ao contrário das imagens dos Nambikwara que das 19 fotos mapeadas no acervo do MQB, 7 a princípio não foram publicadas. Além disso, a quantidade total de fotos disponíveis no MQB relativas aos Nambikwara (19) é bastante reduzida se comparadas àquelas existentes dos Caduveo e Bororo (em ambos os casos, aproximadamente 80). Dessa forma, considerando a

---

<sup>16</sup> Fiz a buca por considerando as variações existentes para a grafia Nambikwara, tais como, Nhambiquara, Nambicuara, Nhambicuara, Nambiquara, Nhambikara. Também tentei usando como critério de pesquisa, a localidade, a saber, Mato Grosso, Utiariti, Cuiabá, Corumbá, Juruena assim como pesquisei todo o *Fond Lévi-Strauss* e o resultado foi somente o encontro de 20 fotografias desse grupo.

produção imagética de Lévi-Strauss durante a primeira expedição, pode-se supor que haja mais fotos ainda não divulgadas dos Nambikwara.

Um outro aspecto, é que Lévi-Strauss não reprisou muita das fotos em suas publicações assim como o fez com as imagens dos Caduveo e Bororo. Para cada publicação, em TT e SB, há mais fotos inéditas se comparadas a situação das fotografias da primeira expedição.

As fotografias dos Nambikwara tratam sobre a vida no acampamento. Cenas aparentemente não posadas, com um tom maior de espontaneidade. Num trecho de TT, Lévi-Strauss cita rapidamente sobre a relação dos Nambikwara com a presença do etnógrafo e sua máquina fotográfica, do qual podemos observar esse despojamento.

Por fáceis que fossem os Nhambiquara - indiferentes à presença do etnógrafo, ao seu caderno de notas e ao seu aparelho fotográfico - o trabalho era complicado por motivos linguísticos. (1957b, p.294)

De todas publicações que consegui levantar, nenhuma outra, com exceção de TT e SB, utilizou as imagens dos Nambikwara. Essas também apareceram como capas. Em 1957 foi republicado *Tristes Tropiques* a fotografia de um jovem como capa e assim como a que ilustra *Saudades do Brasil* em 1994 (Figuras 17 e 18, respectivamente). Ambas as imagens não se encontram disponíveis no arquivo do MQB.

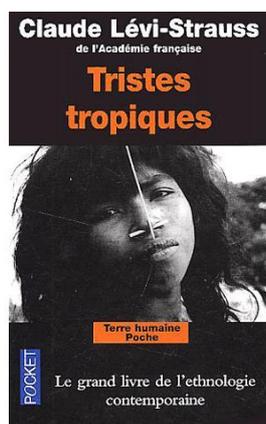


Figura 17: Capa do livro *Tristes Tropiques*, edição de 1957.

Fonte:

<https://journals.openedition.org/confins/11191?file=1>. (Acesso em 15/08/2022)

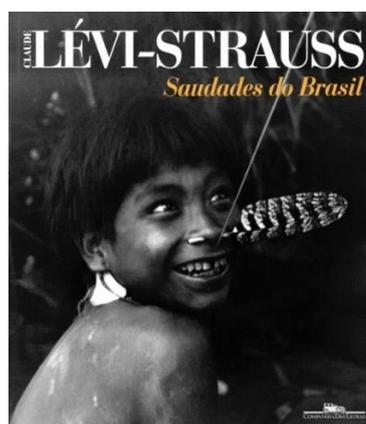


Figura 18: Capa do livro *Saudades do Brasil*, edição de 1994.

Fonte:

<https://www.companhidasletras.com.br/livro/9788571644212/saudades-do-brasil>

Apontei algumas constatações feitas a partir da reconstrução das trajetórias de certas imagens. O desafio agora é analisar como essas podem colaborar para uma outra história da experiência etnográfica de Lévi-Strauss no Brasil e os usos das fotografias em

sua produção acadêmica. Quais significados ou porque importam a produção imagética de Lévi-Strauss? O que a ausência ou a presença de certas imagens em suas publicações significa? Qual o papel da fotografia na trajetória acadêmica de Lévi-Strauss?

As fotografias apareceram no campo e nas publicações, fazendo parte do ritual de passagem, de filósofo a um etnógrafo. Mas os pormenores de como a fotografia se entrelaça com a construção dos recursos acadêmicos, tais como o campo, as expedições, as exposições, que possibilitaram seu reconhecimento como antropólogo, são difusos e parcos. As imagens aparecem nas publicações, mas pouco se fala sobre elas. E há uma dinâmica de reciclagem das fotos que me intriga. Continuarei a percorrer as linhas sinuosas que tecem as histórias dessas imagens para conhecer mais sobre a presença da fotografia nas produções acadêmicas de Lévi-Strauss.

## Referências bibliográficas

Appadurai, A. (2008). Introdução: Mercadorias e a Política de Valor. In *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Cap.1, pp.15-88. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense.

Edwards, E. (2006). Photographs and the Sound of History. In *Visual Anthropological Association*. Vol. 21(1-2), pp. 27-46. <https://doi.org/10.1525/var.2005.21.1-2.27>

Grupioni, L D. B. (1998) *Coleções e Expedições Vigeadas: Os Etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil*. São Paulo: Hucitec/ANPOCS.

Hayes, P. & Gilbert, I. (2020). Other Lives of the Image. In *Kronos*, Vol. 46(1), pp.10-28. <https://dx.doi.org/10.17159/2309-9585/2020/v46a1>

Kopytoff, I. (2008) A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In Appadurai, *A vida social das coisas. As mercadorias sob uma perspectiva cultural*. pp. 89-121. Niterói: EDUFF.

Lévi-Strauss, L. (1936) Estudo da Organização Social dos Bororos. In *Revista do Arquivo Municipal*. Vol. XXVII, pp. 6-80. Consultado em 19 abr. 2022. Disponível em [https://drive.google.com/file/d/1wIPpHwq8nY7F4U337Law5WGXdkIFb\\_v9/view](https://drive.google.com/file/d/1wIPpHwq8nY7F4U337Law5WGXdkIFb_v9/view)

Lévi-Strauss, C. (1957a) *Tristes Tropiques*. Paris: Librairie Plon.

Lévi-Strauss, C. (1957b) *Tristes Trópicos*. São Paulo: Editora Anhembi Limitada.

Lévi-Strauss, C. (1958) *Anthropologie Structurale*. Paris: Librairie Plon.

Lévi-Strauss, C. & Eribon, D. (1990) *De perto e de longe*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Lévi-Strauss, C. (1994) *Saudades do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

Lévi-Strauss, C. (2015) *Chers tous deux*. Paris: La Librairie du XXI siècle.

Loyer, E. (2018) *Lévi-Strauss*. São Paulo: Edições Sesc.

Martins, L. (2013). A “Tropical Papageno”: Claude Lévi-Strauss and Roberto Ipureu In Mato Grosso, Brazil. In Jobs, S & Mackenthun, G. (eds.) *Agents of Transculturation*. Vol.6, pp. 281-309. Nova York / Berlin: Waxmann.

Passeti, D. V. (2008) *Lévi-Strauss, Antropologia e Arte: minúsculo – incomensurável*. São Paulo: Edusp: Educ.

Rivron, V. (2003) Un point de vue indigène? In *L'Homme Revue Française d'anthropologie*. Vol. 165, pp. 301-308. Consultado em 24 de set. 2020. Disponível em <http://journals.openedition.org/lhomme/15822>

Wilcken, P. (2011). *Claude Lévi-Strauss. O Poeta no Laboratório*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Arquivos consultados:

Acervo CLS: acervo Claude Lévi-Strauss, NAF 28150, Departamento de Manuscritos, Bibliothèque Nationale de France.

Fonds Lévi-Strauss. Musée du quai Branly. <https://www.quaibrantly.fr/fr/explorer-les-collections>.